

# Escolas. A ameaça dos preços

## NORALMI FERREIRA DE ABREU

Cobrar mais dos pais ou apertar os cintos? Esse é o dilema que as escolas da rede particular vão enfrentar a partir desta semana, quando muitas começaram a apresentar as novas taxas de matrícula para o ano de 87. De um lado, o Sindicato dos Estabelecimentos de Ensino do Estado de São Paulo prega aumento de 100,6% das anuidades. De outro, a Sunab acena com pesadas multas para os infratores do congelamento.

Em meio a essa discussão, o Ministério da Educação já anunciou que somente estudará o assunto a partir de janeiro, advertindo que todas as majorações de anuidades são ilegais. Ao empurrar o problema "com a barriga", o MEC apenas deixou mais desesperados os proprietários das escolas que não sabem mais como equilibrar receitas provenientes de anuidades defasadas com a crescente reivindicação dos professores de reajustes salariais.

Sem conseguir resolver o problema, os proprietários das escolas nada podem fazer para conter a evasão maciça do professorado em busca de alternativas econômicas mais rentáveis. As escolas cabe agora decidir se aguardarão as medidas do governo ou partirão para o confronto direto com o Plano Cruzado. E, nesse impasse, muitos estabelecimentos de ensino já fizeram suas opções.

"Vamos cair de pé! Uma escola não pode em hipótese alguma desrespeitar a lei. O que podemos fazer é fechar a escola", sentenciou Mauro de Salles Aguiar, diretor do Colégio Bandeirantes — um dos mais tradicionais de São Paulo, onde estudam 3.100 alunos. Para ele, o risco de ser detido pela Sunab por majorar irregularmente as anuidades é mais grave do que os empréstimos a que a mantenedora vem recorrendo para conseguir manter o nível de ensino. "Como é que vou encerrar um aluno se for preso pela Sunab?", pergunta o diretor.

Apesar de sua posição, Mauro de Salles Aguiar criticou a "indiferença" do ministro da Educação, Jorge Bornhausen, frente à situação das escolas particulares, argumentando que o MEC estipulou "reajustes irreais, cedendo a pressões da UNE e do PFL, por causa das eleições". Ele entende que o governo não pode mais falar em congelamento, na medida em que, no início do ano, o Bandeirantes tomou empréstimos ban-

zos, alegando que esta atitude significa "bancar a hipocrisia".

Com 6.200 alunos e 75 anos de tradição, o Colégio Dante Alighieri está tomando uma posição bastante cautelosa em relação à recomendação feita pelo Sindicato dos Estabelecimentos do Ensino. "Queremos fortalecer o sindicato, mas não iremos de confronto com a lei. Se as despesas aumentarem mais que a receita, vamos mudar a programação

médio porte estão mais propensas a aceitar a proposta do sindicato. Esta é a posição do Colégio Sagrado Coração de Jesus, na Vila Pompéia, que na semana passada já enviou aos pais um "termo de compromisso", no qual faculta o valor da semestralidade ao preço estabelecido "pelo sindicato e entidades representativas", em nome da "valorização da escola particular e do professor".

A irmã Hucila Eliza Rozeto, diretora do Sagrado, garante que a matrícula terá o mesmo valor da última parcela deste ano. Mas não descarta a majoração da anuidade, alegando que não tem receio de burlar a lei. Argumento semelhante foi usado pelo diretor financeiro do Colégio Campos Salles, Roberto Alonso. Com 2.500 alunos, o mais antigo colégio da Lapa já aumentou as matrículas e pretende seguir o rumo que a maioria das escolas adotar, caso o MEC estabeleça um baixo índice de reajuste para as anuidades.

A exemplo de outras escolas, o Campos Salles viu-se obrigado a esgotar a poupança acumulada nos últimos anos para suprir o déficit provocado pelo congelamento da anuidade. "Em 63 anos, nunca tivemos problemas com os professores. Agora, tivemos de renovar 30% dos professores, porque os mais antigos deixaram de lecionar. Mudaram de profissão", lamenta Roberto Alonso.

Acompanhando a discussão, os pais dos alunos também tomam suas posições, embora confessem que manterão seus filhos nas escolas particulares em razão do baixo nível do ensino público. Apesar de não achar justo o aumento defendido pelo sindicato, a professora Esmeralda Nóbrega pretende manter seus filhos no Colégio Madre Paula, na Vila Hambúrguesa: "Vou procurar fazer o possível para manter as crianças na escola. Não posso colocá-los na escola pública porque, como professora da prefeitura, sei que o nível é muito baixo".

cários a 1,9% de juros e ultimamente não conseguiu financiamentos com juros inferiores a 6%: "Não me venha o sr. Bornhausen falar em congelamento!"

Integrante do grupo de 28 escolas particulares que levou a Brasília, junto com o sindicato, um estudo mostrando o déficit dos estabelecimentos privados de ensino, Mauro de Salles Aguiar critica os colégios que pediram doações a pais de alunos, como forma de reduzir seus prejuí-

orçamentária", afirmou o conselheiro administrativo, Bernardo Fontana.

Para evitar um confronto com o Plano Cruzado, o colégio está cobrando taxa média de matrícula de Cz\$ 600,00 para cursos cujas mensalidades variam entre Cz\$ 543,00 a Cz\$ 945,00. De acordo com a decisão do MEC, o colégio regularizará a diferença na semestralidade.

Sem a estrutura dos colégios tradicionais, as escolas particulares de